

# Tempo perdido: ciúme em Machado de Assis e Marcel Proust

---

## *Lost time: jealousy in Machado de Assis and Marcel Proust*

Roberta da Costa de Sousa \*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

439

---

**RESUMO:** Análise da abordagem do ciúme e suas consequências em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em comparação com *No caminho de Swann*, primeiro volume da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. A influência do ciúme na maneira de perceber o que se passou e o questionamento do caráter da pessoa amada integram ambas as obras e interferem diretamente no modo de construção da narrativa. No entanto, as intenções distintas dos narradores garantem as particularidades de cada obra. Apesar do sofrimento, o ciúme provoca atitudes extremas dos personagens. Este estudo ainda vai se basear na perspectiva psicanalítica em algumas considerações acerca das obras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciúme. Machado de Assis. Marcel Proust.

**ABSTRACT:** An analysis of the approach of jealousy and its consequences in *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, in comparison to *Swann's way*, first volume of the piece *In search of lost time*, by Marcel Proust. The influence of jealousy in the way of perceiving past events and the questioning of the beloved one's moral character integrate both pieces and directly interfere in the way of constructing the narrative. However, distinct intentions by the narrators guarantee the particularities of each piece. Despite the suffering, their jealousy causes the characters' extreme attitudes. This study is yet to be base on the psychoanalytical perspective regarding some considerations upon the pieces.

**KEYWORDS:** Jealousy. Machado de Assis. Marcel Proust.

---

\* Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O ciúme ronda as narrativas e corrói internamente tanto os personagens de *No caminho de Swann* (1913), de Marcel Proust, quanto de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, o que causa bastante sofrimento, mas também os leva a decisões firmes. O olhar do narrador masculino, afastado temporalmente dos fatos, conserva intenções bem distintas e garante as particularidades de cada obra. Como forma de reprimir a liberdade alheia, o ciúme demonstra insegurança e desproteção do indivíduo, que atualiza angústias arcaicas. A origem do ciúme estaria em possível falha no processo de constituição do sujeito e fundação do eu, a partir da relação do bebê com a mãe, segundo a abordagem psicanalítica que norteará algumas considerações desta análise.

Publicado entre 1913 e 1927, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, compõe-se de sete partes. *No caminho de Swann* constitui a primeira delas, dedicada a infância e adolescência do narrador, com três capítulos: “Combray”, “Um amor de Swann” e “Nomes de terras: o nome”. Swann é amigo da família do narrador, Marcel, e o volume apresenta o capítulo “Um amor de Swann” em terceira pessoa. O conhecimento da relação entre Swann e Odette de Crécy ocorre por meio do relato de narrador externo ao caso, o qual não se sabe como teve acesso a tantas minúcias e à intimidade dos personagens, uma vez que nem nascera ou era criança. Conquanto ignore alguns esclarecimentos sobre os eventos, tenta convencer o leitor da seguridade das informações: “(...) só vim a saber muitos anos depois de deixar a cidade, e isto com essa precisão de detalhes mais fácil de obter às vezes quanto à vida de pessoas mortas há séculos (...)” (PROUST, 1982, p. 112).

Dessa forma, não é Swann quem narra o sofrimento que o ciúme lhe impinge, diferentemente de *Dom Casmurro*. Na obra de Machado de Assis, o narrador-personagem cultiva distância em relação ao momento cronológico do acontecimento e também proximidade, por reviver a situação durante a narração e ainda interpretá-la sob o ponto de vista do enciumado supostamente

traído. “O narrador, que é também o protagonista, dá à sua certeza de traição toda a verossimilhança possível (...).” (BOSI, 2011, p. 28).

Bento Santiago, apelidado “Dom Casmurro” por vizinhos, devido a hábitos reclusos e calados, relata os episódios do relacionamento com Capitu, a fim de levar o leitor a construir a imagem da mulher capaz de cometer o adultério com o melhor amigo do marido, pois ela já trazia traços de personalidade dissimulada e calculista, desde a infância. Por isso, a seleção das lembranças passíveis de confirmar as desconfianças de Bento e o ocultamento daquilo que não corroboraria essa visão. Tanto a obra de Machado de Assis, quanto a de Marcel Proust são marcadas pela “relação entre o fato real e o fato imaginado” (CANDIDO, 1995, p. 30), principalmente no que tange à influência do ciúme no modo de perceber o que se passa, dissolvendo as fronteiras “entre o que aconteceu e o que pensamos que aconteceu.” (CANDIDO, 1995, p. 30). No ciúme patológico, as fronteiras entre imaginação, fantasia, crença e delírio tornam-se imprecisas e o sujeito interpreta acontecimentos reais sob a ótica obsessiva, favorável a suspeitas. “Como todo delírio, seria marcado por convicção e certeza subjetiva, não podendo ser removível pela prova de realidade.” (VIEIRA; SIRELLI, 2014, p. 265). O sujeito atormentado sofre mesmo sem motivo real, e vive em constante estado de tensão.

Se o leitor pensar de acordo com esse ponto de vista imposto pelo ciúme, interpretará determinados episódios, conforme sugere o discurso do narrador, embora exista a ambiguidade da interpretação como evidências ou não de adultério. Não há evidência da traição, apenas indícios passíveis de interpretação ambivalentes. No capítulo 113 de *Dom Casmurro*, por exemplo, Capitu alega doença e se recusa a ir ao teatro com Bento, “mas quis por força que eu fosse.” (ASSIS, 1994, p. 134). O aparente detalhe do discurso do narrador ganha relevo no retorno, ao deparar-se com Escobar à porta do corredor e Capitu já curada, o que se agrava com a ressalva de que a circunstância nova do embargo, que justificava a presença de Escobar para tratar com Bento, nada

valia. Nesse caso, pode-se deduzir que Capitu insistiu para o marido sair, porque percebeu a oportunidade de receber Escobar e este procurou qualquer desculpa para o fato de estar ali. Contudo, o comentário irônico de Escobar, duvidando da veracidade do motivo de Capitu – “A cunhadinha está tão doente como você ou eu. Vamos aos embargos.” (ASSIS, 1994, p. 134) -, não seria adequado para disfarçar a situação de possível mentira, na qual também estaria envolvido, ainda com a intimidade do tratamento no diminutivo. Como Capitu atribui a presença tarde da noite ao Escobar impressionado com o excesso de demanda de trabalho, Bento não desiste e prossegue com o acréscimo de outras dúvidas que lhe perturbavam o sono, como a crença de que a mãe principiara a tratar Capitu e até o neto, Ezequiel, friamente, o que não seria somente impressão de Bento, porque a esposa não discorda do comentário, mas não lhe atribui importância. De qualquer maneira, Capitu e Escobar se encontravam secretamente, porque ela economizava dinheiro, que ele investia. O caso tornou-se motivo de riso, mas Escobar revela admiração por Capitu, uma vez que Sancha gastava demais. Diante dessa situação, Bento até considera a esposa um “anjo”. (ASSIS, 1994, p. 127). Na verdade, ele descobriu os investimentos, porque a desatenção de Capitu despertou-lhe o ciúme pelo que estaria pensando. Mais um indício de insensatez provocada pelo ciúme: tentar controlar o imponderável, como o pensamento alheio. “Os meus ciúmes eram intensos, mas curtos; com pouco derrubaria tudo, mas com o mesmo pouco ou menos reconstruiria o céu, a terra e as estrelas.” (ASSIS, 1994, p. 128). Casmurro assume explicitamente o ciúme para o leitor por qualquer pequeno motivo. “Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança.” (ASSIS, 1994, p. 133). Para o ciumento, qualquer mínimo gesto toma grandes dimensões, com gravidade desproporcional, como enfatiza o narrador de *No caminho de Swann*. “Ora, a ausência de uma coisa não é apenas isso, não é uma simples falta parcial, é um transtorno de todo o resto, é um estado novo que não se pode prever no antigo.” (PROUST, 1982, p. 179).

De acordo com a teoria psicanalítica freudiana (MILHOMEM; SANTOS; KOBAYASHI, 2019, p. 14), o ciúme é estrutural da constituição do sujeito e pode se expressar em três camadas, com gradual intensificação das características patológicas: o normal ou competitivo; o projetado; e o delirante. A ruptura da sensação de completude do bebê com a mãe no desmame inicia a diferenciação entre o corpo do sujeito e o da progenitora, pois antes o neném se considerava extensão do peito materno. “O ciúme então encontra-se relacionado com a perda do primeiro objeto de amor do sujeito, a mãe, causando assim uma ferida narcísica no seu psiquismo.” (MILHOMEM; SANTOS; KOBAYASHI, 2019, p. 19). A ilusão de completude e o mal-estar da separação da totalidade associam-se diretamente ao ciúme primordial. “Essa imagem nostálgica da completude uma vez vivida será, no decorrer da vida, para sempre buscada e incessantemente não encontrada.” (RIOS, 2013, p. 457). A relação entre o narcisismo e o Complexo de Édipo está na dinâmica do ciúme, que se estrutura na “falha na estruturação narcísica” do sujeito. (MILHOMEM; SANTOS; KOBAYASHI, 2019, p. 17). Por isso, o ciúme caracteriza-se pela não completa racionalidade, uma vez que se enraíza profundamente no inconsciente.

Na teoria freudiana, há forte relação do ciúme patológico com a repressão da homossexualidade latente, não expressa em *Dom Casmurro*, até porque seria assunto extremamente delicado para o discreto Machado de Assis no século XIX, embora exista insinuação no capítulo 78: “Mas a verdade é que não tenho aqui relações com ninguém, você é o primeiro e creio que já notaram; mas eu não me importo com isso.” (ASSIS, 1994, p. 100). A fala de Bentinho sobre a suspeita dos outros internos acerca da proximidade entre ele e Escobar no seminário leva a interpretações de que o ciúme delirante de Bento por Capitu constituiria forma de defesa contra os desejos homossexuais. A relação com Escobar gera ainda outras leituras para o ciúme em *Dom Casmurro*, como a de que a recusa ao processo de luto faz Bento reviver o amigo Escobar no ciúme por Capitu.

Quanto aos níveis de ciúme da teoria freudiana, nos casos delirantes, podem-se encontrar ciúmes pertinentes às três camadas, o que, de certa maneira, se verifica em Bento. Ele demonstra o ciúme projetado, que deriva da projeção inconsciente da infidelidade real ou do desejo de trair recalcado e o sujeito atribui ao parceiro os impulsos recalcados de traição: “consequência da colocação do outro na posição da pretendida infidelidade”. (MEES, 2009, p. 37). Bento projetaria em Capitu a infidelidade que idealizou com Sancha, esposa de Escobar, no capítulo 118, o qual trata explicitamente do impulso de desejar, imediatamente seguido do ato de recalca-lo: “Combati sinceramente os impulsos que trazia do Flamengo; rejeitei a figura da mulher do meu amigo, e chamei-me desleal.” (ASSIS, 1994, p. 140). No entanto, Freud associa o ciúme delirante a impulsos recalcados, cujo objeto é do mesmo sexo do sujeito ciumento, o que não é o caso aqui.

Ao mesmo tempo, Bento não admite o ciúme como consequência de questões internas - insegurança, baixa autoestima ou excesso de zelo materno -, mas o justifica pelo gosto da exposição por parte de Capitu, a qual não se fartava de exhibir os braços nos bailes que frequentava: “(...) vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido.” (ASSIS, 1994, p. 125). Ela tinha consciência dos belos braços de que dispunha e até menosprezava os da amiga. “Ela sorriu e respondeu que os braços de Sanchinha eram malfeitos (...).” (ASSIS, 1994, p. 125).

Vaidade fomentada por joias, com que Bento a presenteava, e Capitu fazia cena para disfarçar que não as almejava: “(...) não queria que eu lhe comprasse muitas nem caras, e um dia afligiu-se tanto que prometi não comprar mais nenhuma; mas foi só por pouco tempo.” (ASSIS, 1994, p. 125). Este era um dos benefícios materiais obtidos por meio do matrimônio ou como “mulher sustentada”, a qual Odette correspondia. Sustentar a mulher permite ao homem sentir-se no direito de posse do corpo dócil e vê-la como objeto, o qual

outros podem roubar, o que acirra o ciúme: “(...) às vezes pensava que deixar assim uma mulher tão bonita andar sozinha em Paris era tão imprudente como deixar um cofre cheio de joias no meio da rua.” (PROUST, 1982, p. 173). Vantagens materiais promovem a sensação de segurar o outro, porque a perda para este seria maior, pois ele teria que conseguir alguém que oferecesse mais benefícios. Swann preocupava-se em manter contatos para conseguir convites de espetáculos de gala e comemorações. O anseio pela posse total do objeto de amor mostra que o ciúme se vincula ao desejo de retorno à totalidade com a mãe. “O ciumento deseja ser único e insubstituível, com isso reivindica o todo, em uma posição imaginária de possível totalização.” (MILHOMEM; SANTOS; KOBAYASHI, 2019, p. 18).

Essa vida cultural da época constituía possibilidade de aparecer socialmente e consistia em distinção. Coerentemente, ambas as obras aproveitam esse contexto e também primam pela intertextualidade para abordar o ciúme dos personagens. Swann frequentava reuniões com a presença de pianistas e pintores, onde as conversas também abrangiam as artes. Embora as valorizasse, detinha muitas informações, mas não apreciava emitir opinião a respeito. O dileitante dedicava-se ao conhecimento e à aquisição de obras, sem exercer qualquer atividade relacionada a elas profissionalmente. Swann era o galanteador, que frequentava a alta sociedade, mas cortejava mulheres de classes inferiores e padrão de beleza vulgar, como a operária com quem se encontrava antes de Odette. Tanto que é esta quem primeiro demonstra interesse por Swann e este só corresponde quando a remete à “parecença com aquela figura de Céfora, filha de Jetro, que se vê num afresco da Capela Sistina.” (PROUST, 1982, p. 132-133). A semelhança com a obra de arte lhe conferiu maior beleza e preciosidade, que se converteu em desejo.

Já em *Dom Casmurro*, o capítulo 62 intitula-se “Uma ponta de lago”, referência a *Otelo*, de William Shakespeare. As insinuações de lago contribuem para o ciúme doentio em *Otelo*, assim como os comentários de José Dias, em visita ao

seminário, despertam-no em Bentinho. “A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo.” (ASSIS, 1994, p. 86). A aceleração dos batimentos cardíacos, calafrios e palidez correspondem a reações físicas desencadeadas pelo ciúme, definido por vocábulos de negatividade (cruel e mal) - “(...) sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas.” (ASSIS, 1994, p. 87) - e reconhecido pela intensificação devido à impotência da distância. Além de atuar fisicamente, o ciúme provoca oscilações temperamentais, como a de Swann, que modifica as impressões sobre a amada: “Assim, pela própria química de seu mal, depois que fabricara ciúme com o amor, recomeçava a fabricar ternura, piedade para com Odette. De novo se tornara a Odette encantadora e boa.” (PROUST, 1982, p. 178).

A fim de verificar se Capitu não flertava com outros rapazes durante a permanência no seminário, Bentinho consegue autorização para visitar a mãe doente. Então, mantém estada sob a janela de Capitu e observa o dândi que voltou a cabeça para contemplá-la mais detidamente. “Tal foi o segundo dente do ciúme que me mordeu.” (ASSIS, 1994, p. 98). O ciúme inviabiliza o raciocínio - “Vão lá raciocinar com um coração de brasa, como era o meu!” (ASSIS, 1994, p. 98) -, pois deduz malícia nos olhares e solicita explicações a Capitu, que chorou pela “grande injúria” (ASSIS, 1994, p. 99). Enquanto Capitu realiza cenas dramáticas, chantagens emocionais e jogos de sedução para convencer Bento do não fundamento de suspeitas, Odette adia encontros, vai ao teatro sozinha, após ignorar as súplicas de Swann, e faz viagens sem ele, o que ressalta o preço da liberdade para a mulher no século XIX. A esposa Capitu precisa ser mais sutil que a cortesã Odette. A dúvida quanto à fidelidade configura-se mais grave para Capitu, a qual deveria zelar pela própria imagem. Havia expectativa de determinada aparência peculiar à esposa, evidente na impaciência de Capitu em mostrar à sociedade os sinais exteriores da mudança de postura após o casamento: “Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas

árvores; precisava do resto do mundo também.” (ASSIS, 1994, p. 123). Ao contrário de Odette, cuja reputação já era duvidosa, como enuncia o narrador: “Odette, que não estava habituada a que os homens fizessem tantos rodeios com ela (...).” (PROUST, 1982, p. 138). Swann ouvia rumores de que ela “levava uma vida livre” (PROUST, 1982, p. 183), mas não sabia se fora unicamente por necessidade de dinheiro “ou devido a caprichos que podiam renovar-se.” (PROUST, 1982, p. 183). Apesar de transparecer o receio da liberdade sexual feminina, muitas vezes Swann idealiza Odette e não consegue admitir as evidências de traição, por mais que o ciúme o martirize e se submete a tudo para não a perder. Assim como Capitu, Odette oscilava entre anjo e demônio, típicos estereótipos femininos, nos comentários alheios, inclusive do próprio Swann, com dificuldade de conciliar as qualidades da alma com as atitudes da cortesã, e atribui o fato à influência do meio: “(...) que criatura adorável, que anjo é Odette. Mas bem sabe também o que é a vida de Paris. (...) Há então quem ache que eu desempenho um papel um tanto ridículo (...).” (PROUST, 1982, p. 183).

O caráter da amada ainda se depara com o constante questionamento originado do ciúme e o processo de composição da personalidade dissimulada de possível adúltera é premeditado pelo narrador: “O interesse maior do autor parece ter-se fixado nos caracteres que vão sendo construídos por um processo lento de acumulação de traços indiciais de comportamento, diálogos, episódios e comentários psicológicos e morais.” (BOSI, 2011, p. 28). Enquanto Bento estudava no seminário, Capitu frequentava assiduamente a casa de D. Glória até tornar-se indispensável. Como a compensar a ausência do filho, Capitu se fazia presente como parte da família, o que almejava efetivamente com o matrimônio. “Capitu era naturalmente o anjo da Escritura. A verdade é que minha mãe não podia tê-la agora longe de si.” (ASSIS, 1994, p. 103). A referência a Capitu como anjo contrasta com a caracterização de dissimulada, o que evidencia as variações de percepção de caráter e a dificuldade de estabilizar a personalidade por longo tempo. Por zelar por D. Glória

diariamente, seria anjo, mas não agia assim desinteressadamente, o que reduz a pureza angelical. Atitude percebida por prima Justina, que morava de favor na casa de D. Glória. Justamente os personagens que vivem de favor e necessitam se adaptar às conveniências são os mais aptos a perceber a dissimulação alheia. Ao menos para Justina e José Dias, a dissimulação de Capitu não lograva êxito. É José Dias quem a define magistralmente: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.” (ASSIS, 1994, p. 44). Prima Justina confirmara o olhar singular em outra ocasião: “(...) até lhe fez algumas críticas, disse-me que era um pouco trêfega e olhava por baixo (...).” (ASSIS, 1994, p. 42).

Na dinâmica do ciúme patológico, encontram-se muitos fatores subjetivos e culturais. Em *Dom Casmurro*, predominam os fatores subjetivos, pois Machado de Assis percebeu a associação do ciúme patológico na relação com a mãe, mesmo antes da difusão da psicanálise. A publicação das obras e conferências mais famosas de Sigmund Freud ocorre a partir de 1900. Bento reproduz com Capitu a dependência e a submissão materna: sempre espera que ambas digam a ele o que fazer. Mesmo com atitudes desvairadas, Bento toma mais iniciativas em função do ciúme, enquanto este torna Swann mais submisso, ao aceitar todas as ações de Odette, por medo de perdê-la. No entanto, em *No caminho de Swann*, prevalecem os aspectos culturais do ciúme na manutenção das aparências na vida social e na preocupação com o passado de Odette, uma vez que não há informações sobre a vida pregressa de Swann, especialmente quanto à mãe, pois há apenas menção ao pai, por herdar a fortuna paterna e frequentar a alta sociedade. Contudo, o narrador proustiano, que também desenvolve ciúme patológico, apresenta relação de dependência emocional extrema com a mãe, a ponto de se desesperar sem o beijo de boa-noite materno. Ambos os autores trabalham com a ligação estreita entre ciúme e questões emocionais do filho com a mãe, porém Proust é contemporâneo a Freud, embora não haja

provas de que o leu, enquanto *Dom Casmurro* foi publicado antes, em 1899, e o falecimento de Machado data de 1908.

Aquilo que Casmurro explicita não parece ser a finalidade da obra ao leitor atento, porque o narrador oculta o intuito de condenar Capitu, desde o início, quando enumera justificativas pouco convincentes para a ideia de redigir o livro. Por estar exausto da monotonia, decide escrever “para variar” (ASSIS, 1994, p. 18), mas a indolência o afastou de temas da filosofia, política e jurisprudência, assim como a exigência de documentos e datas o impediu de dedicar-se à “*História dos subúrbios*”. (ASSIS, 1994, p. 18). Não é possível confiar no narrador, por mais que repita expressões como: “(...) sendo este livro a verdade pura (...)” (ASSIS, 1994, p. 82). Ou ainda quando precisa confessar alguma ação reprovável moralmente, com a consciência de que será lido: “(...) deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo.” (ASSIS, 1994, p. 152). Diz tudo em determinada ocasião para ocultar o principal. Ao confessar o inconfessável, dá ao leitor a sensação de que conta tudo - “Eu confessarei tudo o que importar à minha história.” (ASSIS, 1994, p. 93) -, estratégia para esconder o que realmente interessa e que não confessará em momento algum: redige o texto para que concordem com ele e acreditem na infidelidade de Capitu, não obstante admita a ambiguidade da narrativa, especialmente no capítulo 59, dedicado à digressão acerca da boa memória, que afirma não possuir. “Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos.” (ASSIS, 1994, p. 83). O livro que o leitor tem em mãos também consistiria em um desses, omissos, nos quais é preciso o esforço de preencher as lacunas. “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.” (ASSIS, 1994, p. 83).

Com base na situação narrativa, a digressão, comum na literatura machadiana e proustiana, concilia a confecção da obra literária com a análise crítica. Como também está a rememorar e a memória pode confundir, o narrador Marcel

cogita o aparecimento do ciúme de Swann por alguma interpretação equivocada ou pelo temor da falsidade da amada. “No princípio não se sentiu enciumado de toda a vida de Odette, mas apenas dos momentos em que uma circunstância, talvez mal interpretada, o levava a supor que Odette pudesse tê-lo enganado.” (PROUST, 1982, p. 167). Por conseguinte, o ciúme toma forma gradativamente em metáfora animalésca: começa aos poucos até dominar tudo. “O seu ciúme, como um polvo que lança um primeiro, depois um segundo, depois um terceiro tentáculo, apegou-se solidamente àquele momento das cinco horas da tarde, depois a outro, a mais outro ainda.” (PROUST, 1982, p. 167). Chega ao ponto de desejar afastar-se da sociedade, pois, em isolamento, motivações externas não o cercariam. “Mas supunha que Odette era desejada por todos os homens que se achavam no hotel, e que ela própria os desejava. (...) E como não ser misantropo, quando em todo homem via um possível amante de Odette?” (PROUST, 1982, p. 167). A existência do outro atualiza a verdade da incompletude e Swann vive sob ameaça permanente, pois o rival também é um ser faltante que busca preencher a falta com o mesmo objeto que o ciumento acredita pertencer a si. “O que os ciumentos não percebem é que o verdadeiro rival que eles combatem é o desejo, ou melhor, é a autonomia do desejo o que eles tentam controlar.” (RIOS, 2013, p. 458).

Esse ciúme crescente deturpa o amor, comparado a diversos males, inicialmente à escravidão: “(...) e aquela restrição particular ao direito universal de livre circulação não passava de uma das formas daquela escravatura, daquele amor que lhe era tão caro.” (PROUST, 1982, p. 173). E também à doença, porquanto ocupasse todos os momentos e não lhe transmitisse um segundo de paz: “E aquela doença que era o amor de Swann de tal modo se multiplicara, estava tão estreitamente ligada a todos os hábitos de Swann, a todos os seus atos, a seu pensamento, a sua saúde, a seu sono, a sua vida (...)” (PROUST, 1982, p. 181). Por isso, aproxima-se da morte, por levá-lo a questionamentos constantes e mantê-lo perenemente na dúvida, além de não reconhecer a si: “(...) há uma semelhança entre o amor e a morte, mais do

que essas tão vagas que se repetem sempre: a de fazer-nos interrogar mais fundo, no medo de que nos fuja a sua essência, o mistério da personalidade.” (PROUST, 1982, p. 181). Daí, a insegurança, que gera ações desesperadas, mas também pode entrar em conflito com o temor da perda, do abandono e causar a impotência no agir. “Decididamente, melhor seria não correr o risco de romper com ela, ter paciência, esperar que regressasse. E passava os dias inclinado sobre um mapa da floresta de Compiègne (...).” (PROUST, 1982, p. 173). Essa atitude passiva oscilava com o desespero, como no episódio no qual Swann passa a noite à procura de Odette em todos os restaurantes, cafés e *maisons*, porque ela já houvera partido, julgando que ele não viesse. A relação intrínseca com o ciúme engendra visão negativa do amor. “De todos os modos de produção do amor, de todos os agentes de disseminação do mal sagrado, um dos mais eficazes é esse grande torvelinho de agitação que às vezes sopra sobre nós.” (PROUST, 1982, p. 137). Percebe-se aqui que o narrador Marcel se inclui na referência ao amor como mal que causa agitação, pois ele também contará seu romance doentio. Swann se entrega ao sublime da arte, como apreciador, não produtor, pois transfere o encanto ao prazer amoroso, enquanto Marcel, no aprendizado da formação como artista na escritura da obra, cria relação entre a arte e a vida.

Para este, há a “redenção pela vitória do eu reintegrado em si mesmo” (MEYER, 2007, p. 191), que encontra na arte algum sentido para a vida, ao contrário de Bento, que narra apenas para culpar Capitu e conclui a obra, voltando a pensar em escrever algo mais burocrático, como a “*História dos subúrbios*” (ASSIS, 1994, p. 160), ou seja, escrever não o redime, a arte não o arrebatava, não lhe garante sentimento mais pleno ante a existência. Ele redigiu com finalidade bastante específica e todos os outros assuntos parecem desculpas pouco convincentes ao leitor, pois se já reproduzira a casa de Mata-Cavalos no Engenho Novo, concretizar no papel a história com Capitu consistia em passo natural para alguém que não superou o passado. O próprio narrador Casmurro declara o fracasso daquilo que explicitamente expõe como finalidade da

narração: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui.” (ASSIS, 1994, p. 18). Bem diferente de Marcel, que, por meio de sensações, como a clássica cena do chá com *madeleine*, consegue recuperar reminiscências e reviver sentimentos. Embora o objeto seja inalcançável, não perde tempo nessa busca, pois permite a reconquista do eu que se perdeu. O retorno ao passado apresenta “a intenção de reconquistar ao longo dos anos vividos a memória integral da personalidade, quer salvar-se no meio da correnteza, construindo na ilha da memória o observatório da consciência.” (MEYER, 2007, p. 191). Quando o amor de Swann se resume ao tormento oriundo do ciúme constante, o narrador o compara à infância que narrara no primeiro capítulo do primeiro volume. “E não tinha ele, como eu tive em Combray na minha infância, dias felizes durante os quais se esquecem os sofrimentos que renascerão à noite.” (PROUST, 1982, p. 173). Além do paralelo com a infância, pois as visitas de Swann, como amigo da família, constituíam obstáculo ao melhor momento, o beijo de boa-noite da mãe, o narrador vive relacionamento amoroso atormentado com Albertine, mas em outro volume de *Em busca do tempo perdido*. “Na verdade, pode-se compreender a personagem [Swann] em boa parte como um avatar, um duplo, uma prefiguração do narrador da *Recherche*.” (ALMEIDA, 2008, p. 84). Nesses amores conflituosos ao extremo, a partir de certo instante, o romance não propicia mais bons momentos, somente dor. Caso de Swann, que só age em função de estar com Odette e se submete a humilhações somente para agradá-la, como conceder-lhe dinheiro para alugar castelo em outra região, com amigos, sem convidá-lo.

Em efeito, Swann faz o movimento contrário a Bento, que não cogita a traição como fruto da imaginação, enquanto Swann, para não encarar a infidelidade como real, considera o papel das “venenosas imaginações” (PROUST, 1982, p. 176), pois pensa ter alguma doença, “que, quando estivesse curado, lhe seria indiferente o que Odette pudesse fazer.” (PROUST, 1982, p. 176). Nesse sentido, Swann oscila mais que Bento, pois se recusa a alguma ação, a qual

realiza em seguida, pela proximidade, e não oposição, entre amor e ódio, que o fazem agir contraditoriamente, norteados pelo ciúme. O que falta ao ciumento é recuperar o amor-próprio, porque se esquece de si mesmo e se interessa somente pelo que diz respeito ao ser amado: “De tal modo havia aquele amor desligado Swann de todos os interesses que, quando voltava por acaso à sociedade (...) ali experimentava, juntamente com o desamparo (...)” (PROUST, 1982, p. 181). Mais que isso, enfrenta o desejo de conhecer todos os pensamentos e passos do outro: “(...) o fazia aperceber-se de súbito de que Odette possuía uma vida que não era inteiramente dele (...)” (PROUST, 1982, p. 142). O ciúme se configura, então, como o constante exercício da vigilância. O indivíduo existe apenas para policiar o outro e perde a singularidade: “(...) há muito esquecera que era ‘um Swann’ (...)” (PROUST, 1982, p. 181). Por isso, Swann se vale de métodos de espionagem, como escuta atrás de portas, averiguação de conhecidos comuns e violação de correspondência. O medo do abandono convive com a impossibilidade de aceitar a ideia de que o outro não lhe pertence e necessita de qualquer “garantia de durabilidade” (PROUST, 1982, p. 132). Todavia, não há contrato, promessa ou jura que assegure a permanência de alguém. Com essa incerteza, o ciumento não consegue lidar e dela decorre a tristeza de Bento, quando Capitu não se recordava dos juramentos antigos, como se lhe faltasse com a palavra.

Entretanto, em *Dom Casmurro*, atormenta a impossibilidade de saber o que de fato aconteceu, pela própria maneira como se dá a construção da narrativa. Não à toa, Bento inclui a cena na qual Gurgel, pai de Sancha, ressalta as feições semelhantes entre Capitu e o retrato da esposa, principalmente a testa e os olhos. “Na vida há dessas semelhanças assim esquisitas.” (ASSIS, 1994, p. 105). Assim como elas poderiam ser parecidas sem parentesco algum, o mesmo poderia ocorrer entre Escobar e Ezequiel. “Em Machado de Assis, ao invés, a dúvida permanece. (...) Insistir na tese da infidelidade ou da inocência de Capitu seria prova de estreiteza interpretativa (...)” (LIMA, 1981, p. 90).

Dessa forma, Bento narra episódios que podem ou não ser lidos como indícios do adultério. Enquanto após mais de dois anos de casados, Capitu e Bento enfrentavam o desgosto de não ter um filho, Escobar e a mulher, Sancha, tinham uma filha e Escobar já demonstrara cometer infidelidade. “Em tempo ouvi falar de uma aventura do marido, negócio de teatro, não sei que atriz ou bailarina, mas se foi certo, não deu escândalo.” (ASSIS, 1994, p. 124). Como o casal não teve mais filhos além de Ezequiel, Bento poderia ser estéril e Capitu poderia ter tido relação sexual com Escobar para engravidar. Não obstante, se Escobar poderia ser pai de Ezequiel, espanta cogitar o incesto, mesmo em tom jocoso. “Chegou a falar da hipótese de casar o pequeno com a filha.” (ASSIS, 1994, p. 129). No entanto, a personalidade de Escobar também já fora apresentada como ambiciosa, pragmática e irônica, ao se interessar até por D. Glória, mãe de Bento, após calcular os valores dos aluguéis dos imóveis da família Santiago. Ao mostrar que outra personagem, caracterizada pela sinceridade nos comentários maledicentes, compartilhava da mesma impressão, o narrador se autodefende: nem tudo seria invenção da ciumentamente doentia. “Era opinião de prima Justina que ele afagara a ideia de convidar minha mãe a segundas núpcias; mas, se tal ideia houve, cumpre não esquecer a grande diferença de idade.” (ASSIS, 1994, p. 119). Mesmo, fisicamente, a descrição do olhar fugidio de Escobar assemelha-se ao de Capitu: “(...) olhos claros, um pouco fugitivos, como as mãos, como os pés, como a fala, como tudo. (...) Não fitava de rosto, não falava claro, nem seguido (...)” (ASSIS, 1994, p. 80). Essa caracterização induz à crença do olhar comum aos capazes da dissimulação necessária à traição. Tanto Capitu quanto Escobar possuem personalidades opostas a Bento e parecem dispor de mais afinidades entre si. Bento chega a invejar os braços de Escobar esculpidos pela natação: “(...) achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar.” (ASSIS, 1994, p. 139). A inveja se relacionaria ao narcisismo de Bento: “Eu possuo a mulher que interessaria ao grande homem que eu invejo.” (BRASIL, 2009, p. 14). A comparação com o outro, por sua vez, pode trazer o sentimento de rivalidade ao ciumento, por sentir-se aquém do ideal, e

projetar no rival o que não conseguiu conquistar. “Ele procura sempre alguém que lhe preencha os requisitos para o ideal, e se compara constantemente com o outro escolhido.” (VIEIRA; SIRELLI, 2014, p. 264). Por isso, a convicção inabalável da traição que acompanha o ciúme delirante.

Contudo, Bento somente fortalece a ideia da infidelidade, após a morte de Escobar, em virtude da reação de Capitu no enterro. O leitor não dispõe de meios de analisá-la de forma isenta, porque ela se faz especialmente por impressões subjetivas e pelo uso de adjetivos atribuídos à esposa pelo narrador, como “o parecer abatido e estúpido” (ASSIS, 1994, p. 142); olhar o cadáver “tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...” (ASSIS, 1994, p. 142); e, ao consolar Sancha, tentar afastá-la, “mas o cadáver parece que a retinha também.” (ASSIS, 1994, p. 142). A personificação das lágrimas destaca a culpa que Bento já confere à esposa, pois geralmente se imagina que quem chora sofre mais, o que não necessariamente corresponde à verdade, apenas se demonstra explicitamente a dor. Para ele, as lágrimas de Capitu representavam a confissão daquilo que tanto queria confirmar, embora pudessem não significar exatamente isso. A partir disso, passa a “deixar que a cabeça cismasse à vontade.” (ASSIS, 1994, p. 144). A cisma relacionava-se ao esforço de recompor mentalmente as atitudes de Capitu. Cada detalhe torna-se precioso para atestar a suposição e conformar a obsessão. “Cuidei de recompor-lhe os olhos, a posição em que a vi, o ajuntamento de pessoas que devia naturalmente impor-lhe a dissimulação, se houvesse algo que dissimular.” (ASSIS, 1994, p. 144). Assim como o protagonista de *Dom Casmurro*, o narrador Marcel também se refere aos pensamentos obsessivos de Swann como “cismas”. (PROUST, 1982, p. 142). Se Bento recompõe detalhes a fim de comprovar o adultério, Swann o faz para vigiar os passos de Odette: “Depois, não podia pensar sem enorme lassidão que, no dia seguinte, teria de recomeçar as pesquisas para saber o que Odette fizera, de manejar influências para poder vê-la.” (PROUST, 1982, p. 185).

O ciúme, então, está diretamente ligado à persistência do pensamento, ideia que insiste em não abandonar a mente e pode levar ao desvario. “Concluí de mim para mim que era a antiga paixão que me ofuscava ainda e me fazia desvairar como sempre.” (ASSIS, 1994, p. 144). A incoerência da possível infiel estaria no fato de a própria Capitu destacar para o marido a semelhança entre Ezequiel e Escobar. “Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar. Olha, Ezequiel; olha firme, assim, vira para o lado de papai, não precisa revirar os olhos, assim, assim...” (ASSIS, 1994, p. 147). Na cena em que finalmente discutem sobre a possibilidade de Ezequiel não ser filho legítimo e a indispensável separação, o narrador afirma que Capitu demonstrou estupefação, indignação e “o porte não era de acusada.” (ASSIS, 1994, p. 153). Todavia, quando Bento rememorou a adolescência, também contou vários episódios, nos quais descobertos por adultos, Capitu sempre se recompunha ligeiramente e disfarçava com a habilidade de usar as palavras para escapar do flagrante. Maestria que poderia, mais uma vez, utilizar com a experiência da maturidade. Constitui-se, assim, o desígnio crucial para a garantia da ambiguidade da narrativa: “a impressão final de ambivalência pela qual os ardis de Capitu fossem, de certo modo, contrabalançados pelos ciúmes de Bentinho, uns e outros plenamente atestados ao longo da narração.” (BOSI, 2011, p. 29). De qualquer forma, o ciumento patológico sente-se traído mesmo sem provas palpáveis. “O ciumento afirma que a fala mente, que o discurso abriga a mentira, para ele não existe verdade acessível.” (MILHOMEM; SANTOS; KOBAYASHI, 2019, p. 19).

Swann demonstra determinação para se separar da amante no final do segundo capítulo. Contudo, no decorrer do primeiro, há menções antecipadas de que se casaram e tiveram uma filha posteriormente. Bento também opta pela separação, mas, no caso dele, irreversível. Finalmente, abandona o menino Bentinho, que deixava os outros decidirem por ele e apenas afirmava: “Eu gosto do que mamãe quiser.” (ASSIS, 1994, p. 41). O ciúme e a desconfiança acarretam a tomada de decisão sem obedecer a mulheres, mas se torna infeliz.

Capitu e Ezequiel ficaram na Suíça, embora Bento mantivesse as aparências para a sociedade e viajasse para a Europa sem visitar a família, terminando os dias a remoer o passado: “(...) não importa muito que a convicção de Bento seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida.” (CANDIDO, 1995, p. 30). Ao negar a comunicação no exílio europeu, ele impõe a aniquilação do outro, a anulação pela recusa da palavra a Capitu, na “intensidade excessiva do ciúme que petrifica o sujeito na impossibilidade de falar sobre um sofrimento coerente com o antigo modelo de amor romântico.” (ARREGUY; GARCIA, 2012, p. 768). Mees (2009, p. 42) propõe tipologia do ciúme na neurose, que na versão obsessiva abarca a tentativa de domínio e apagamento do objeto de desejo. A curiosa referência a *Otelo*, de Shakespeare, em *Dom Casmurro*, portanto, constitui artimanha machadiana, pois Desdêmona também foi aniquilada e, posteriormente, tomou-se conhecimento de que as acusações contra ela eram mentirosas. As contra Capitu também?

Se Bento não explicita a infelicidade diretamente, pois são os outros que o apelidam de “Dom Casmurro”, Swann expressa a perda de tempo em razão do sofrimento causado pelo excessivo ciúme. “E dizer que eu estraguei anos inteiros de minha vida, que desejei a morte, que tive o meu maior amor, por uma mulher que não me agradava, que não era o meu tipo!” (PROUST, 1982, p. 222). Esse exercício de consciência de Swann promove a possibilidade de mudança de comportamento.

Assim, o ciúme em *Dom Casmurro* interfere diretamente no modo de construção discursivo do narrador com interesse direto em influenciar a interpretação do leitor: elenca cenas passíveis de serem interpretadas como comprovação da infidelidade de Capitu, embora a ambiguidade do jogo literário permita o inverso. A própria composição do caráter integra o projeto de condenação da personagem feminina, por não lhe preservar a imagem, mesmo porque não há mais como reparar a separação. Diferente do narrador de *No caminho de Swann*,

que conta história alheia, ao estabelecer associação com recordações próprias. Quando assume o ponto de vista do personagem, tenta preservar Odette, mesmo com a má reputação social, para que isso não impeça a união do casal. A dor de Bento já resultara em solidão irremediável, enquanto a de Swann ainda poderia ser mutável.

## Referências

ALMEIDA, Alexandre Bebiano de. *O caso do dileitante: a personagem de Charles Swann e a unidade de Em busca do tempo perdido*. 2008. 189 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ARREGUY, Marília Etienne; GARCIA, Claudia Amorim. A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. *Physis: Revista de saúde coletiva*, Rio de Janeiro, n. 22, v. 2, 2012, p. 755-778.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Moderna, 1994.

458

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: cadeira 23, ocupante 1 (fundador)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2011. (Série Essencial; 27).

BRASIL, Ângela. Psicopatologia da vida amorosa. *Ciúmes: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 37, jul.-dez. 2009, p. 9-21.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-39.

LIMA, Luiz Costa. Sob a face de um bruxo. In: \_\_\_\_\_. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. p. 57-123.

MEES, Lúcia Alves. Sobre os tipos de ciúme. *Ciúmes: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, n. 37, jul.-dez. 2009, p. 36-45.

MEYER, Augusto. Os galos vão cantar. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio escolhidos*. Seleção e prefácio de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 187-194.

MILHOMEM, Flora Lamarão da Silva; SANTOS, Tiago Taveira dos; KOBAYASHI, Teresa Cristina Martins. O ciúme patológico nos relacionamentos amorosos: um olhar psicanalítico. *Revista de iniciação científica da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 9, n. 1, 2019, p. 13-22.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

RIOS, Fernanda Costa. Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico. *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, n. 16, v. 3, set. 2013, p. 453-467.

VIEIRA, Drielle Neves; SIRELLI, Nilda Martins. Os mecanismos psíquicos do ciúme na psicanálise. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, dez. 2014, p. 256-269.

Recebido em: 23 de julho de 2020.  
Aprovado em: 28 de outubro de 2020.